

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

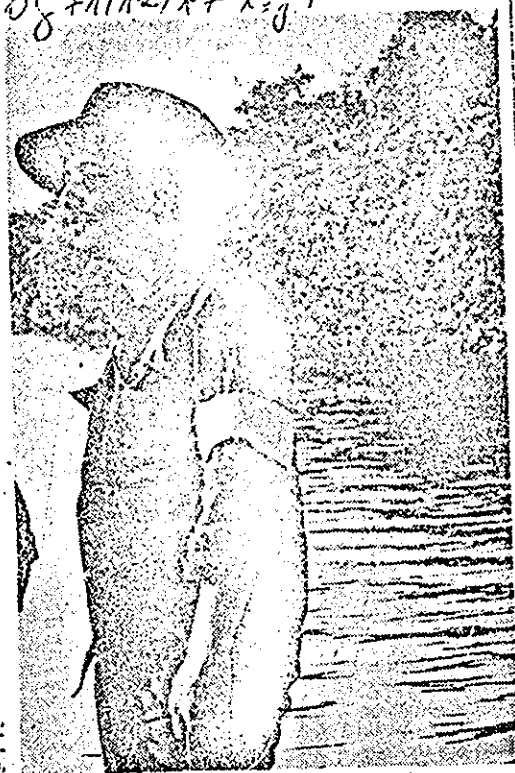
Class.: 28

Data: 07.12.71

Pg.: _____

As cartas de Possidônio: "Se necessário morro pelos índios"

Loretta Cavaleanti estava com tudo preparado para viajar ao encontro de Possidônio. Na última carta que recebeu, ele pedia que ela fosse passar o Natal no Subposto do Rio Roosevelt, em Rondônia. A passagem estava marcada para dia 7 passado. Possidônio Cavaleanti Bastos não viveu para ter seu desejo realizado: ex-chefe de reportagem de O GLOBO em Brasília, depois convertido em sertanista da FUNAI, foi encontrado morto na semana passada, com duas flechadas, a 200 metros do Subposto Roosevelt, em Rondônia. Duas outras vítimas foram levadas pelos Cintas-Largas.



Possidônio só tinha um objetivo: proteger o índio

No dia 31 de agosto de 1970, para despedir-se de seus companheiros de O GLOBO, Possidônio escreveu um bilhete, que pregou no quadro de avisos da redação. Nete, explicava as razões pelas quais abandonava tudo para viver como sertanista. Parecia prever seu destino, afirmando: "Se for necessário (talvez não leve a nada), darei a minha vida pelos índios."

Hoje os caixotes estão em um canto, no pequeno apartamento, e Loretta procura apoio na casa de uma tia. Procura saber da FUNAI onde o corpo de seu marido foi enterrado, e busca consólio na última frase que Possidônio lhe dirigiu: "Esta é a última carta que te mando. Aqui, o sol é mais ardente, o céu é mais azul, e só falta você para completar o cenário."

As cartas foram a única ligação de Possidônio com o que chamava "a selva de cimento armado". Para os amigos, explicava sempre que "não é preciso ter medo dos índios. Eles é que têm motivos de ter medo dos brancos."

O BILHETE

Aos colegas de O GLOBO (mais amigos que colegas):

"Alguns já sabem, outros não. E alguns pensam que é brincadeira. A verdade, porém, é que, no próximo dia sete de setembro, partirei para Brasília, de onde seguirei para o Posto Sete de Setembro, no Parque Indígena do Arapuaná (Rondônia). Posteriormente, vou para a região do Karará, no Pará, por onde passarei a Transamazônica. Isto tudo porque, embora ainda não totalmente desvinculado do "meio do país", decidi abraçar a profissão de sertanista."

"Não mais estarei aqui com vocês no dia-a-dia. Sinceramente, isso me dói, mas dor maior sentiria me considerando quase um inútil, indo à rua, voltando para escrever. Apesar das amizades que nasceram e cresceram aqui, apesar de me sentir realizado na profissão, havia uma lacuna a preencher. Isso, creio, só será possível no dia que fizer algo concreto, que possa ver e sentir, por alguém."

"Além de tudo, a selva de cimento e asfalto me sufoca. Encarem minha decisão como quiserem. Fuga (é possível), vaidade (não é hipótese a desprezar), egoísmo ou egocentrismo, busca de satisfação pessoal. Mas eu sempre levarei comigo uma grata lembrança dos quase dois anos que passei aqui."

"Tudo que escrevi acima não quer dizer que eu considere inútil o trabalho que vocês (eu inclusive) desenvolvem. Apenas, meu temperamento romântico, aventureiro, inconformado, levou a opção por outro tipo de luta. Uma luta mais direta em favor dos índios, tão explorados e incompreendidos, embora tenham mais direitos que nós a habitar este solo e a viver da maneira que melhor lhes parecer. Para, dentro das minhas possibilidades, defender esses e outros direitos dos nossos "selvagens", deixo a nossa "civilização" e, se for necessário (talvez não leve a nada), darei a minha vida por eles. A vocês que ficam desejo que aproveitem bem a vida e sempre tenham na mente um lugar para este amigo, que não os esquecerá e desde logo se põe à disposição de todos, em qualquer lugar, posto ou flecha onde estiver. Rio, 31 de agosto de 1970. — Possidônio Cavaleanti Bastos."

"PS: Não esqueçam. Aqui também se pode lutar. Contra a miséria, contra as injustiças, contra a fome, e pelo Brasil (e pelos índios)."

FRASES

Aqui estão as melhores frases de Possidônio Cavaleanti sobre os índios, destinadas a seus companheiros de O GLOBO, em cartas que enviou a nosso colega Ivan Curvelo:

— Os índios, como as crianças, são bons. E preciso, porém, que não se grite com eles, que não se aborreça os seus chefes. Eles recebem bem o homem branco desde que é

claro, o homem branco não esteja mal-intencionado com eles.

— Vamos acabar com essa história de que o índio é, simplesmente, um índio. O índio, como afirma a fábrica de biscoitos, é amigo. Precisamos, porém, ser amigos dos índios.

— Rondônia era quente. Muita gente conhece o velhinho aqui. Ele é mais conhecido aqui do que Papai Noel aí.

— O negócio é soltar índios aí em Santa Teresinha. Os intelectuais do morro lam adoram. Aliás, os intelectuais não fazem além de adorar alguma coisa.

— A gripe é a nossa maior preocupação. O branco foi o fundador da gripe. Por causa da gripe é que morrem tantos índios.

— Avisa o pessoal daí que é mole conviver com os índios. Eles são muito mais doces que os guardas de trânsito.

— Uisque? Você está doido, rapaz? O negócio é caíim. Aquê papo das professoras primárias: cachaca de milho, o fim do mundo. Haja, no entanto, fígado.

— O pessoal está-se acostumando com minha vida de sertanista. Eles só não se acostumam mesmo é comigo.

— Rio Branco, Rondônia, Acre, Guaporé, Porto Velho. Avisa ao pessoal que o Brasil não acaba em Ipanema.

— Aqui é mole. A gente não trabalha muito, não recebe coisa nenhuma e no final tem pouco para pagar.

— Põe um desfilé de miss aqui. Eu quero ver, eu quero ver, seu retrato, seu contrato, e quero ver. Tchau.

— E os jornais? Continuam salindo todo dia? Mesmo depois de minha ausência? Enfim, eu não preciso tanto deles. Fiz minha média com os índios e não preciso muito deles.

— O SPI? Depois a gente conversa. Uma complicação total. O pessoal vem, morre e fica por isso mesmo. Tem nisso que tira nome de rua e ninguém nem sabe.